

RESENHA

PALACIOS, Ariel. *Os Argentinos*. São Paulo: Contexto, 2013.

Tempos de integração: “Os Argentinos” para os brasileiros

MICAEL ALVINO SILVA*

Este texto analisa o mais recente título da coleção *Povos e Civilizações*, da Editora Contexto: o livro do jornalista Ariel Palacios intitulado *Os Argentinos*.

Os argentinos admiram os brasileiros. A rivalidade entre Brasil e Argentina que alguns defendem existir somente no futebol é minimizada, pois, o principal adversário da Argentina é a Inglaterra, por razões geopolíticas. Se o Brasil jogar contra a Inglaterra, os argentinos “sempre torcem a favor do Brasil” (p. 12). Com estas idéias iniciais, o autor espera dizer algo que os brasileiros não estão acostumados a ouvir. Além disso, lança a ideia de que os *hermanos* “ainda são um grande mistério” (p. 13).

Na esteira do mistério, a Argentina é caracterizada como um país peculiar, fascinante, irritante e enigmática. Tentar desvendar “algumas destas ‘Argentinas’” é um dos intentos do livro, que é destinado ao público geral. Nas palavras do autor, o livro é para todos aqueles que merecem “algo mais do que um estereotipado manual do tipo *‘How to be a porteño’*”. (p. 14)

Nas páginas iniciais é dado o tom da obra: fugir de estereótipos e clichês, além de apresentar ao público brasileiro quem são os argentinos. Neste sentido, duas

questões são importantes para nossas considerações. A primeira refere-se ao interesse do público brasileiro em compreender os “misteriosos” argentinos; e a segunda sobre o que de fato o livro pode ensinar aos brasileiros interessados no assunto.



A Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República elaborou em 2010, sob a orientação do Professor Samuel Pinheiro Guimarães, o *Plano Brasil 2022*. Trata-se de um conjunto de metas para o Brasil atingir até o aniversário de 200 anos da independência do país. No documento, destaca-se a inexorável integração do Brasil com os países da América do Sul em geral, e

com a Argentina em particular. Além da aproximação política com o país vizinho ser estratégica para o Brasil, os brasileiros cada vez mais procuram Buenos Aires e/ou outras cidades argentinas como destino turístico. No campo econômico, as aproximações desde o Mercosul podem ser um bom negócio para empresários brasileiros. (No último capítulo, Ariel Palacios dedica o subtítulo “Mercosul, das brigas protecionistas aos investimentos” ao tema).

Mais recentemente, além de constar das estratégias do governo, do turismo, dos negócios (entre outros itens como o tango e o futebol), os brasileiros católicos que

somam 64,6% da população, segundo dados do IBGE (2010), também tem outro bom motivo: conhecer a terra natal do Papa Francisco. Portanto, pode-se considerar que há um grande público com potencial interesse na Argentina.

Sobre o que o livro pode ensinar aos brasileiros, poderíamos elencar uma lista considerável de temas que foram apresentados ou tangenciados pelo autor. Analisemos alguns deles, a começar pelas relações entre a Santa Sé e a Argentina. Justamente por ter sido lançado no primeiro trimestre de 2013, o leitor não encontrará informações específicas sobre o Papa argentino. Mas isto não deve servir de desânimo para os leitores interessados, já que no capítulo “O tango: uma forma de caminhar pela vida”, o autor afirma que o ritmo argentino (em versão *light*), precisou ser dançado para dois papas no Vaticano. Pio X, em 1914, o considerou “pouco divertido” e Pio XI, em 1924, “retirou-se do salão em silêncio”, indicando aprovação do ritmo argentino. (p. 140)

A comparação com o Brasil é uma constante em todo o livro. No que se refere à história da Argentina, será caracterizada como sendo totalmente diferente da história do Brasil. Os marcos históricos e cronológicos são diferentes, assim como os personagens políticos e as referências externas.

Na história política, o ponto de confluência dos argentinos é o peronismo. Podendo ser da esquerda à direita, o movimento inaugurado pelo ex-presidente Juan Domingos Perón, segundo o autor, não pode ser definido em uma linha, mas se pudesse talvez a melhor definição fosse aquela dada por um político peronista: “o peronismo é um sentimento”. Na história do Brasil não há esse paralelo.

Ainda no que se refere à política, o autor especifica o sistema eleitoral argentino no

capítulo “Políticos, piqueteiros e outros poderes”. Mais a frente, no título “As fortes mulheres” (p. 212), faz uma demonstração da importância das mulheres argentinas na política local. Embora hoje a Presidência da República, tanto no Brasil quanto na Argentina seja ocupada por mulher, na Argentina o processo começou mais cedo. O livro auxilia na compreensão de como a segunda esposa de Perón, Evita, teve uma importância para sua época e como ainda hoje é considerada um mito em seu país. Além dela, também é possível compreender o que levou Isabelita (a terceira esposa de Perón), a ser a primeira presidente mulher de um país latino-americano, em 1974. A primeira esposa de um presidente a vencer eleições presidenciais foi Cristina Kirchner. A subida ao poder de esposas de presidentes também não encontra paralelo no Brasil.

No que se refere à história econômica, podemos encontrar algumas aparentes semelhanças com o Brasil. Os casos de confisco da poupança, inflação, hiperinflação e privatização ocorreram no Brasil e Argentina, mas certamente o caso argentino foi peculiar. A tal ponto do autor afirmar que “53% das famílias do país (Argentina) não operam com banco algum”, no título “O colchão: eterno refúgio dos desconfiados” (p. 94), demonstrando uma desconfiança nas instituições bancárias, sobretudo após a crise de 2001.

Para o autor, em sua história cultural gastronômica, os argentinos possuem iguarias que quase sempre são aperfeiçoamentos de outros pratos existentes, mas reserva-se créditos para algo como “*Alfajor*, um raro consenso” (p.185). “Os Argentinos à Mesa” não dispensam a carne bovina, outro raro consenso nacional mesmo em épocas de crise (p. 24).

E, na exploração desta dimensão cultural, o leitor será apresentado a vários aspectos pitorescos da vida cotidiana e coletiva dos argentinos, passando entre outros, pelos seguintes títulos: “Costumes familiares e sociais” (p. 189), “Sexo: hoje ontem e sempre” (p. 194), “A Argentina gay” (p. 207), “A obsessão pelos mortos” (p. 232), “‘El fulbo’ – a paixão das multidões” (p. 263-280) e “Os grandes mitos”: Maradona, Borges, Carlos Gardel, Che Guevara, Evita e Perón (p. 281-326).

Após a leitura do livro, algumas críticas naturalmente surgem. A primeira delas é que o autor, embora afirme que não queira fazê-lo, acaba por reforçar o clichê da rivalidade ao concluir seu livro com um capítulo intitulado “Brasil-Argentina, uma relação de amor e ódio” (p. 327-354). Certamente se o livro ostentasse o título de **Os Paraguaios** ou **Os Venezuelanos**, não terminaria com uma expressão ressaltando chavão para definir as relações internacionais do Brasil com a Argentina.

Outra crítica que podemos fazer refere-se ao capítulo “História de um país periférico marcado pela instabilidade” (p. 35-73). O título sintetiza a interpretação do autor acerca da história da Argentina numa temporalidade que vai de 1516 à 2012 (em 38 páginas!), sendo que na primeira página dispara contra “os historiadores” (não se referindo especificamente a ninguém) que “por uma questão de necessidade de precisão, concordaram – sem contar com base alguma” com uma determinada data (p. 35). Certamente os historiadores argentinos contemporâneos não concordariam com o fato de que atualmente a categoria precise apresentar uma conclusão sobre uma data, sem a menor base, apenas por *necessidade de precisão*.

No capítulo “O Reich na Argentina” (p. 115-130), outras 16 páginas são utilizadas

para apresentar informações importantes ao público geral, mas com pouca relevância para a finalidade a qual se propõe. O exemplo mais tácito pode ser buscado no título “O ministro argentino de Hitler” (p.121-124), que pouco ou nada contribui para informar aos brasileiros sobre os argentinos.

Na tentativa de dizer que os argentinos superaram a fase de rivalidade, que já foi demonstrada por pesquisas acadêmicas sobretudo sobre o período da Segunda Guerra Mundial, o autor exagera na afirmação de que “O Brasil ao longo das últimas décadas, deixou de ser “rival” e tornou-se sócio comercial. E, de sócio, passou a ser encarado como líder da região” (p. 328). Não é fácil acreditar que esta seja a opinião dos argentinos de modo geral.

Os Argentinos certamente é um livro pontual, e ao que parece cumpre seu objetivo geral de apresentar vários matizes dos argentinos aos brasileiros. Em certa medida um espelho e um trabalho de comparação. Particularmente persiste a curiosidade de saber quantos argentinos que lessem o livro se sentiriam identificados com sua história. Talvez “**Os**” pudesse ser “**Alguns**”, mas soaria um pouco estranho e nada comercial. Àqueles que querem saber mais sobre a Argentina ou sobre a relação com o Brasil, **Os Argentinos** passa a ser referência bibliográfica básica.

Recebido em 2013-05-01
Publicado em 2013-08-05



* **MICAEL ALVINO SILVA** é Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá; professor titular da Faculdade União das Américas e cargo de direção da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.